

O tempo, a Camila e as covinhas

Marcelo Garbine

Se Chronus, do alto, ordena

Se somos incautos, pena

Que há espera... passou tão lento...

Que a esfera girou, sem vento.

Três décadas e meia

Amores súbitos em vão

Vês que não chega a ceia

Prostrar, decúbito, então.

E lá pelos anos noventa

Eis que, suavemente, venta

Mas eu só tinha dezoito

Lá, se caminha, afoito.

Devia-se aguardar mais dezenove

Tempo para que se renove

Esquinas ganhas, passos dados

Aqui nas sanhas, machucados.

E o vento que passou em 1995

Suave pelas pelugens do meu queixo

Semeou, no mundo, novo ser, com afinco

Que entrar, voraz, na minha vida, eu deixo.

Façamos nossos os talhões de tempos dormentes

Adolescência enquanto plantavam a semente

E toda a desproporção cronológica

Desvenda-se, clara, então, fica lógica.

Novembro... junho...

Escada de meses em ciclos de doze

Se lembro, empunho

Espada que vezes reciclo em pose.

Para cortar intervalo tão longo
Hiato, de fato, entre dois nascimentos
Que flui, agora, se torna ditongo
Um lago, uma garça, que, agora, eu invento.

A garça a habitar tranquila
A lagoa, nossa vila
A graça de poder senti-la
Você está em mim, Camila.

Minha mão busca seu rosto
Vejo, então, nele está exposto
O que agrada e são só minhas
Suas duas lindas covinhas.

Marcelo Garbine